



NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE



ANO X
Nº. 38

EDIÇÃO DA
SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Sociedade Amigos de Brusque

Fundada a 4 de agosto de 1953

Reconhecida de utilidade pública:

Lei Estadual n.º 1162 de 12 de novembro de 1954

Lei Municipal n.º 73 de 9 de março de 1954

CGC 83.721.639/0001-93

Sede própria: Avenida Otto Renaux — Caixa Postal 27

88350 - BRUSQUE — Santa Catarina

Mantenedora do MUSEU HISTÓRICO DO VALE DO ITAJAÍ-MIRIM

Notícias de "Vicente Só"

BRUSQUE - ONTEM E HOJE

Revista de cultura histórica do Vale do Rio Itajaí-Mirim

Registrada sob n.º 02 no Livro de Registros de Pessoas

Jurídicas em Brusque, Santa Catarina

Publicada trimensalmente sob a responsabilidade da

SOCIEDADE AMIGOS DE BRUSQUE

Direção: Ayres Gevaerd

Composta e impressa na Gráfica Bandeirante Ltda. - Brusque - SC

NOTÍCIAS DE "VICENTE SÓ"

BRUSQUE-ONTEM E HOJE

Ano X

Abril, Maio e Junho de 1986

Nº. 38

Sumário

- 1 - O Sistema de colonização e a idealização da propriedade da terra.
Giralda Seyferth 531
- 2 - Poesias
Maria Mathilde Müller Hoffmann 538
- 3 - Programas - Convites
Sociedade Amigos de Brusque 540
- 4 - III - Brusque - Fragmentos de sua história, dia, a dia, desde a fundação.
Ayres Gevaerd 554

Capa : Gentileza de W. L. Rau.

Clichê: Festa dos empregados no comércio de Brusque reunidos em Guabiruba, 1930/32.

O SISTEMA DE COLONIZAÇÃO E A IDEALIZAÇÃO DA
PROPRIEDADE DA TERRA

Giralda Seyferth

Nesta comunicação serão abordados, de forma resumida, alguns aspectos do sistema de colonização do Vale do Itajaí relacionados à distribuição de terras aos imigrantes. Tem por objetivo relativizar algumas afirmações feitas por autores - que trataram do assunto de forma distorcida e sem levar na devida conta as peculiaridades do assentamento de imigrantes, no sul do país.

Referindo-se aos colonos de origem alemã no Rio Grande do Sul, Jean Roche afirmou: "essa classe é muito ligada à propriedade mas não à terra" (Roche, 1969, II, p. 565). Roche, faz uma análise correta, atribuindo esse fato à "instabilidade crônica dos agricultores": "Essa instabilidade crônica dos proprietários, aliada à necessidade de encontrar terras novas para as gerações vindouras, impede que o colono se apegue à sua terra" (idem, p. 570). Mas a maioria dos autores que trataram da colonização alemã no sul do Brasil associam o que chamam "falta de apego à terra" com a incorporação, pelos colonos, de uma mentalidade e atitudes típicas do colono brasileiro. Os exemplos desse tipo de interpretação são muitos, incluindo-se jornalistas, viajantes, pastores e padres, além, de geógrafos, sociólogos e outros cientistas sociais. A "cabocização" dos colonos é, pois, um dos temas mais recorrentes em análises que incorporam estereótipos e falsos valores etnocêntricos.

Um exemplo característico é dado pela obra de Emilio Willems (1980), cuja primeira edição data de 1946 - uma análise sobre a aculturação dos alemães no Brasil. Neste texto e em outro (Willems, 1940) este autor atribui a mobilidade espacial da população teuto-brasileira rural à agricultura extensiva e à influência da cultura cabocla. Pressupõe, quase como regra, a inferioridade do camponês brasileiro como agricultor e diz: "Entre os característicos mais generalizados da cultura teuto-brasileira precisa ser mencionada a mobilidade espacial bastante acentuada da população rural. Estreitamente associada aos padrões de uma agricultura, extensiva, ela se liga diretamente à cultura cabocla. Em confronto com a sedentariedade absoluta e quase inalienabilidade da propriedade imóvel do camponês alemão, a mobilidade espa-

cial e a mentalidade pioneira dos teuto-brasileiros significam uma diferença cultural que dificilmente poderia ser mais, profunda. Virtualmente, o colono teuto-brasileiro está sempre disposto a vender as suas roças e a sua casa e a tentar a vida numa zona mais ou menos distante de cujas possibilidades e condições ouviu falar. Semelhante atitude é tão estranha ao camponês alemão que tende mesmo a desprezar aqueles, os quais tendem a descartar-se das suas terras com tanto desembaraço." (Willems, 1980, p.182). A interpretação de Willems é facilmente destruída pelos dados históricos de ambos os campesinatos. Ele se refere a um camponês alemão idealizado - não de camponeses reais - esquecendo que na maior parte da Alemanha do século XIX (de onde vieram os "colonos") as classes camponesas, estavam, em grande parte sujeitas ao regime de servidão ou de posse e não poderiam alienar o que não lhes pertencia. Nas regiões onde os camponeses detinham a propriedade da terra (como em Baden, por ex.) a excessiva fragmentação motivada pela Realteilung (a divisão da propriedade entre todos os herdeiros) dificultou a reprodução social e econômica; e nesse caso a venda das parcelas herdadas e as conseqüentes alternativas de emigração e proletarianização eram as únicas opções. O apego à terra é apenas um dos muitos mitos construídos sobre o campesinato, qualquer que seja. O colono, por outro lado, é apresentado de forma estereotipada, uma espécie de herdeiro do nomadismo caboclo; um nomadismo suposto, como se o caboclo fosse um errante por natureza. E, pior ainda, supõe um "desnivelemento cultural" do colono alemão em função da influência do caboclo. E o que tem de concreto autores como Willems e tantos outros para embasar tais conclusões? Basicamente um subjetivo "nomadismo" caboclo fundamentado numa realidade apenas parcialmente analisada a do sistema colonial que predominou, no sul do país até a segunda década deste século. E o fato concreto de que os colonos teuto-brasileiros adotaram técnicas agrícolas vigentes no Brasil, um vestuário, uma habitação e hábitos alimentares diferentes do seu país de origem, etc. - fenômeno rotulado como "aculturação" ou "assimilação". Willems se referiu à mobilidade dos colonos como se ela fosse um pecado do capital, um comportamento inconcebível em descendentes de camponeses europeus; sem necessariamente buscar as causas da mesma. É como se os imigrantes tivessem deixado no seu país, de origem o "amor pela terra"; ou como se todos os camponeses do mundo fossem obrigados, por dever de sua condição social, a considerar a terra como objetivo de culto ou de veneração e não como forma racional de reprodução econômica e social. O mesmo autor repete a observação "indignada" de K.H.Oberacker,

acerca da "mercantilização da vida toda dos teuto-brasileiros" (idem, p. 181). Preconceituosamente, não concedem ao camponês o direito de pensar como empresários, de obter renda através do seu trabalho.

No entanto, o que Roche, muito resumidamente, aponta para o Rio Grande do Sul, esclarece essa mobilidade. Desde o início da colonização de São Leopoldo (1824) até a primeira década do século XX, era regra em praticamente todo o sul um sistema verdadeiramente caótico de assentamento de imigrantes: terras devolutas vendidas pelo Estado sem demarcação apropriada, muitas vezes invadindo áreas particulares ou em disputa; grilagem de áreas destinadas à colonização; demora dos colonos em quitar as dívidas coloniais; atraso de anos na expedição dos títulos definitivos dos lotes; conflitos envolvendo questões de limites entre os lotes; grandes quantidades de lotes que acabaram vendidos judicialmente; desconhecimento dos colonos quanto a inventários e outros procedimentos legais, o que os tornavam vítimas fáceis de funcionários inescrupulosos (como descreveu também Wagemann para o Espírito Santo e Graça Aranha transportou para a ficção literária em Canãa); especuladores com títulos fraudulentos agindo em várias colônias, etc. ... "Pode-se dizer que, durante todo o século XIX e, por vezes ainda no século XX, a vida das colônias, foi agitada pela questão do cadastro e dos títulos de propriedade. O tranqüilo prazer da posse era turvado pelas ameaças, de expropriação, de reivindicação ou de indenização, que criavam uma agitação endêmica dos espíritos e tornavam sempre precária a propriedade. Essa incerteza, acrescida à valorização das terras, explica a aspereza das reivindicações, pois o colono não podia viver sem terra para cultivar." (Roche, II, p. 568).

Se tomarmos como exemplo a colonização do Vale do Itajaí, vamos encontrar a mesma situação caótica acima referida, ainda em 1920. E a colonização do Vale do Itajaí iniciou-se em 1850. Há casos de colonos que permaneceram como posseiros, em lotes que sequer lhes foram atribuídos, sem que a situação fosse legalizada, por mais de trinta anos. Num contexto confuso, onde os títulos definitivos demoravam décadas, onde lotes eram ocupados sem permissão do Instituto de Terras e Colonização, onde famílias corriam o risco de perder benfeitorias e casas e o trabalho de muitos anos porque não podiam saldar a dívida colonial, obviamente a propriedade da terra era extremamente valorizada e a única forma de posse legitimada e perseguida.

Willems, por exemplo, não toca nesse assunto; prefe

re interpretar a mobilidade desses colonos sempre em busca de novos lotes como produto do contato com os caboclos.

Na verdade, o sistema de linhas coloniais que predominou na região foi imposto por uma política de colonização nem sempre coerente e clara. O povoamento não foi um processo espontâneo, como muitos pensam, mas sim controlado rigidamente, pelo Estado ou por companhias de colonização particulares, com regras definidas por lei; uma legislação que mudou com uma certa frequência as regras do sistema, o que também deve ter causado não poucos transtornos. Aos colonos eram vendidos lotes de tamanhos variados, por concessão provincial, possuindo áreas variáveis entre 15 e 30 hectares, de formato alongado. O preço estipulado e o prazo de pagamento também variavam muito, juntamente com a legislação. O preço dependia do tamanho do lote e da distância do mesmo até a vila mais próxima; no início era calculado por braça quadrada, depois por metro quadrado. A qualidade das terras não se dava maior importância e a fertilidade ou não da mesma não tinha influência sobre inicial do lote. A distância em relação à sede da colônia parece ter sido o fator crucial e determinante do seu valor. Mas o que deve ser salientado é o fato das terras serem compradas, a prestação anual com juros de 6%; e o atraso no pagamento dessas prestações implicava no acréscimo de juros de mora. Ao título definitivo só tinham acesso aqueles que quitassem toda a dívida (inclusive subsídios recebidos para compra de alimentos, equipamentos e construção da casa), e ainda tinham de arcar com as despesas da medição definitiva. Um título que tinha de ser requerido e que, mesmo após a quitação da dívida, podia levar anos a ser concedido.

É este precisamente o ponto problemático do sistema de colonização: um grande número de colonos não conseguia pagar, suas dívidas, por diversas razões, e o procedimento mais comum é a venda das benfeitorias construídas no lote a outro colono (geralmente imigrante recém chegado) disposto a assumir a dívida e respectivos encargos, e ir tentar a sorte noutra linha ou colônia. Como em muitos casos uma mesma linha colonial concentrava grupos de famílias vindas de uma mesma região da Europa, ou mesmo aparentadas entre si e quase sempre com situação legal semelhante (dívida não quitada), às vezes esse movimento em busca de nova oportunidade envolvia os colonos de toda uma picada. Esses casos são menos frequentes do que os deslocamentos individuais, mas ocorriam. No distrito de Porto Franco, no vale do Itajaí-mirim, por exemplo, houve mais de uma dessas saídas coletivas de famílias de colonos. A existência da dívida colonial e as dificuldades da sua quitação -

transformaram a concessão de terras num mero eufemismo e mencionam bem o drama dos colonos estrangeiros que acreditaram no mito da "terra gratuita".

Num contexto confuso, onde os colonos por mais que trabalhassem não chegavam a pagar seus lotes, correndo o risco de perderem os mesmos, não é de estranhar que fosse valorizada a propriedade e não a terra em si, como meio de produção. Na área do Itajaí-mirim, por exemplo, as terras divididas e ocupadas nas duas primeiras décadas de colonização, mais próximas à sede da colônia e menos montanhosas, não foram, em regra, abandonadas por seus primeiros ocupantes, que conseguiram pagá-las nos prazos estipulados pela legislação. No entanto, nas áreas mais afastadas e de terras pouco produtivas, quase sempre invadidas por intrusos dispostos a explorar a madeira, e que foram distribuídas após 1880, as condições de reprodução camponesa nos lotes eram precárias. As causas do abandono dos lotes são as mais diversas e nenhuma delas tem algo a ver com a presença de uma população cabocla (que praticamente não existia ali): a má qualidade das terras, com pouca várzea e baixa produtividade; a forma de distribuição e demarcação dos lotes, ditada antes pela burocracia governamental - do que pela racionalidade; a distância dos centros consumidores e a consequente dificuldade de comercializar a produção; e, principalmente, os constantes conflitos com comerciantes, proprietários de serrarias (algumas até clandestinas) e aventureiros interessados apenas nos recursos naturais (especialmente madeiras de lei), sempre dispostos a invadir lotes já ocupados e a destruir plantações, coagindo os colonos pela violência. As distorções do sistema de colonização permitiram a esses indivíduos agirem como grileiros e até a requererem sistematicamente lotes para neles explorar legalmente a madeira, não pagar nada ao Estado, abandonando as terras após retirarem delas o que interessava. Nesse processo de exploração predatória, acabavam invadindo terras dos verdadeiros colonos ou mesmo requerendo para si lotes já ocupados, mas cuja dívida não fora quitada. Deve ser observado que o não pagamento do débito com o Estado após algum tempo implicava em despejo judicial. Todos esses problemas levaram grupos de famílias de colonos poloneses, italianos e alemães a abandonar suas terras. Muitos se dirigiram para o novo Eldorado da colonização - o Paraná - já no início do século. A demanda por terra, porém, era de tal ordem que os lotes vazios, por pior que fossem, eram logo ocupados por outros imigrantes. Apesar dessa mobilidade, em toda a área se formaram comunidades camponesas identificadas com suas linhas coloniais.

Mas se os colonos se organizaram espacialmente dentro dos padrões da linha colonial, o modelo de colônia foi uma concepção ditada pela política de colonização, pelo menos no que se refere ao tamanho dos lotes e ao sistema de povoamento disperso em fileiras. Havia leis para determinar o pagamento, as condições de venda, o tamanho da concessão. Um colono com prava um lote para nele trabalhar com sua família - esta era uma imposição legal, assim como a limitação de um lote por família. Os colonos não incorporaram esse modelo como sendo o da colônia ideal, mas não tiveram muita escolha quanto a isto. Se especuladores e comerciantes locais conseguiam requerer para si dezenas de hectares de uma vez, num sistema onde as terras já começavam a escassear no início do século, com o beneplácito dos políticos da província, o mesmo não pode ser dito do pequeno agricultor. A este era "concedido" no máximo um lote, que só em casos muito excepcionais tinha mais de 25 hectares. As limitações impostas pelo financiamento, as dificuldades que todos tinham de saldar a dívida colonial, mais do que o excesso de demanda, serviram de barreira a qualquer pretensão de ampliar a área de uma colônia. Assim é que podemos encontrar requerimentos de colonos solicitando a compra de mais um lote, com o argumento de que este se destinava a um filho, sendo indeferidos, quando um comerciante de Brusque requeria terras demarcadas para colonização no distrito de Porto Franco que, no conjunto, formavam uma linha inteira com mais de 20 lotes. Muitos deles estavam ocupados pelo que as autoridades do Instituto de Terras e Colonização chamavam de "ocupantes ilegais" - na verdade colonos posseiros sem condições de pagar pela terra e que acabaram despojados dos seus lotes por ordem judicial. Uma área grande para os padrões de colonização da região, cuja concessão contrariava um dos dispositivos da lei que exigia o plantio realizado pela família do concessionário. Uma área comprada a preço de colonização cuja exploração estava longe de ter relação com a agricultura. Tratava-se, obviamente, de especulação e pouco importava que tais terras já fossem ocupadas por famílias de imigrantes/posseiros, que pela mesma lei tinham o direito de ficar nos lotes desde que, num prazo mínimo, saldassem quaisquer dívidas, que pensassem sobre eles.

Os conflitos gerados por este tipo de situação foram provavelmente intensos; são de difícil reconstituição pois os documentos existentes estão incompletos. Mas os indivíduos - permitem mostrar que esse sistema de colonização não foi tranquilamente implantado no sul do país.

A simples posse de um lote não constituía nenhuma garantia e o exemplo citado é apenas um entre muitos. Pode-se dizer que, pelo menos até 1920, a não quitação da dívida colonial e a impossibilidade de obter concessão para os filhos provavelmente foram as causas mais imediatas da mobilidade dos colonos. A segunda causa é até mais óbvia: a propriedade de um lote só garantia a reprodução da família camponesa por uma geração. Isto transformou a busca da propriedade de pelo menos mais um lote quase numa regra, e um objetivo difícil de alcançar sem o deslocamento para áreas de povoamento mais recente. A existência de lotes disponíveis até essa época provavelmente terminou o número até certo ponto expressivo de petição de colonos requerendo terras para um ou mais filhos (quase sempre jovens solteiros). Terras essas as vezes contíguas ao lote original da família. Essas petições raramente eram deferidas, mas demonstram uma preocupação com o futuro dos filhos num lote cuja área apenas suficiente para prover uma família.

Assim, apesar de toda a mobilidade que autores como Willemms encontraram ainda nas décadas de 30 e 40 nas áreas de colonização mais antiga, esta provavelmente é determinada pela busca de condição de subsistência e reprodução social a partir de uma terra que lhes pertença legalmente. A propriedade, portanto, é idealizada como única garantia do colono, que como posseiro não tem futuro. A simples posse de um lote não o transformava em colônia - unidade básica de produção e consumo e representativa do grupo social mínimo da comunidade rural. A colônia implica em propriedade, estabilidade, segurança, que a simples posse, tal como foi vivida por grande parte desse campesinato, não oferece. Ou, como disse um colono contemporâneo: "O colono tem que ser dono da sua terra, ela é a sua segurança; quem não vende." A mobilidade, enfim, foi um produto das próprias contradições de um sistema de colonização imposto de cima e com excesso de regras, que repetiu os mesmos erros durante mais de um século.

Bibliografia citada

- ARANHA, Graça - Canãa. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1981 (romance)
- ROCHE, Jean - A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Editora Globo, 1969. 2 vols.
- WAGEMANN, E. - A colonização alemã no Espírito Santo. Rio de Janeiro, IBGE, 1949.
- WILLEMS, E. - Assimilação e populações marginais no Brasil. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1940.
- A aculturação dos alemães no Brasil. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1980. 2a. edição.

P O E S I A S

Voltamos a publicar mais cinco poesias de nossa consagrada poetisa MARIA MATHILDE MÜLLER HOFFMANN, a exemplo do que fizemos no exemplar nº 35 desta revista.

E S T Í O

A cigarra cantou por toda a madrugada
O seu canto que é alma vibrante do estio.
Como um sonho que passa, leve, na alvorada.
O Orvalho treme e cai, sobre o verde sombrio...

Surge o bando feliz de toda a passarada,
A última estrêla morre pelo céu vazio...
Sacudindo o torpor da espuma esbranquiçada,
No seu leito de pedras, se espreguiça o rio.

Calor, e vida e luz, e sol abrasador.
O vento morno passa bafejando a flor,
E a gaita geme, além, na solitária estrada.

A cigarra ficou cantando o dia inteiro,
Desafiando a voz febril do boiadeiro,
Quando a sombra desceu sobre a terra calada...

R O S A S

Contemplo-te feliz, pois sinto agora
Toda doçura que o teu ser enleia,
A mesma chama que de ti se enflora,
O mesmo anelo que de ti gorgeia.

Ès o fanal que em minha vida ancora,
A rútila cascata de ti cheia
E que ilumina pela noite afora,
O vislumbre do tédio que incendeia.

Ès a visão de mãos esplendorosas,
Que hão de chover esses clarões dispersos,
De milagroso resplendor de rosas...

És a imagem do sonho, feita em luz,
Que eu quizera exaltar nesses meus versos,
Ó Santa Therezinha de Jesus!

M A T E R

Ó celeste visão de doce imagem!
Salve! Nas tuas mãos sutis deponho,
A fagueira esperança do meu sonho,
Nas graças luminosas que te fazem.

Salve Regina! A fúlgida miragem
Que a solidão povôa, ao ser tristonho,
Não traz o alento lúcido e risonho
Que tuas mãos alviçareiras trazem.

Salve Regina! Mãe cheia de graça!
Bendita sejas tu entre as mulheres!
Bendita sejas no fragor que passa!

Abre os teus braços sobre o mundo inteiro.
E em teu regaço colhe se quizeres,
O grande amor do povo brasileiro.

M A I O

Manhãs airosas, belas, palpitantes,
Gotas de orvalho tremulando além...
E sobre as relvas frescas, verdejantes,
Abrem-se as flores que queremos bem.

Tardes airosas, belas, deslumbrantes,
A voz da brisa que de longe vem
Entre as palmeiras trêmulas, cantantes,
Colher os beijos que só elas têm.

Noites formosas de lembranças vivas,
Estrelejadas, fúlgidas, cativas,
Cheias da graça argêntea do luar...

Ó quem me dera em teu virgíneo seio
De crisântemos brancos todo cheio,
A alma sorrindo, adormecer, sonhar...

O M E S T R E

Bendita a mão do Mestre que se espalha,
No gesto grande que ao saber conduz
A mão do Mestre que a sorrir trabalha
Na senda nobre que ao porvir induz.

Bendita a mão do Mestre, que nos talha
Na treva espessa a profusão de luz!
E sobre tudo, indica na batalha
O Bem, que a glória e que o amor produz.

O Bem que é fonte de cristal sonoro,
Que implanta as almas do seu som canoro,
Lapída o crime de alcantis mais brutos!

O Bem, que a voz do Mestre nos propala.
Cristal bendito e milagroso estala
Brotando em flores, resplendendo em frutos!

XXXXXXXXXXXXX

PROGRAMAS - CONVITES

Encontra-se a Sociedade Amigos de Brusque empenhada em organizar diversas coleções de PROGRAMAS e CONVITES impressos originais, relacionados com promoções cívicas, artísticas, escolares, sociais, exposições, esportivas, religiosas, etc., a contencimentos ocorridos da Colônia até nossos dias.

O material é vasto e variado. Permite exames e pesquisas interessantes sobre a vida comunitária dos brusquenses.

A publicação deste acervo que iniciamos agora, se impõe pela riqueza de informações, que existem sob os mais variados aspectos de nossa história.

O mais antigo é o da Associação Agrícola da Colônia Itajaí - Brusque, 1874. O seguinte é o de 1895, em alemão, da inauguração e bênção da igreja Evangélica. O terceiro, programa do Grupo de Teatro local, outubro de 1918, festival em benefício da Cruz Vermelha. O quarto, programa do Club Germania de 1927. Este Club costumava comemorar a data nacional da Ale

manha e os natalícios do Kaiser, do marechal Hindenburg, entre outras personalidades do Império Alemão. O último, "Fest-programm". é da recepção dada a oficiais e marinheiros do cruzador alemão "Karlsruhe", em 15-17 de dezembro de 1934.

Ilmo. Snr.

A Associação Agrícola da Colônia ITAJAÍHY tem a honra de convidar a Va. Sa. para a sua 3ª Exposição de produtos da lavoura e indústria e que se há de abrir a 30 de setembro próximo futuro.

Animada como está a Associação pelos bons resultados das suas primeiras exposições, e também pelo estímulo que se tem despertado entre os produtores, quer deste núcleo colonial, quer das suas circunvizinhanças, não é menos grata a aprovação que tem merecido do Governo Gerál e provincial e da ilustrada Imprensa da Província, o que lhe dá forças para prosseguir na carreira encetada.

A Associação espera que Vª Sa. se dignará concorrer com o seu valioso contingentes (produto agrícola, industrial etc.) para mais esta nossa festa do trabalho.

A Diretoria:

Dr. Luiz Betin Paes Leme - Presidente

H. Sandreczky - Secretário

Paulo Schwarzer - Tesoureiro

(Impressão em português e alemão)

PROGRAMM

und

FESTGESAENGE

zur

E I N W E I H U N G

der evangelischen Kirche

in

BRUSQUE.

6. JANUAR

1895

TYP. "DER URWALDSBOTE".

1. Die Schul = und Konfirmantenkinder begeben sich mit dem Vorstände, Kirchenrat und Baukommission unter Absingung des Liedes: "Ach bleib mit deiner Gnade" in die alte Kirche.
Eigene Melodie. Oder: "Christus, der ist mein Leben".

1. Ach bleib' mit deiner Gnade, hei uns, Herr Jesu Christ, dass uns hinfort nicht schade des Bösen Macht und List!

2. Ach bleib' mit deinem Worte bei uns, Erlöser werth! dass uns in diesem Horte sei Trost und Heil bescheert!

3. Ach bleib' mit deinem Glanze bei uns, du himmlisch Licht, den Glauben in uns pflanze, damit wir irren nicht!

4. Ach bleib' mit deinem Segen bei uns, du reicher Herr, gieb Wollen und Vermögen zu deines Names Ehr!

5. Ach bleib' mit deinem Schutze bei uns, du Starker Held, dass wir dem Feind zum Trutze besiegen Sünd' und Welt!

6. Ach bleib' mit deiner Treue bei uns, Herr, unser Gott, Beständigkeit verleihe, hilf uns aus aller Noth!

2. Gemeindegang: "Wie lieblich ist doch,
Herr die Stätte".

Melodie: "O dass ich tausend Zungen".

1. Wie lieblich ist doch, Herr, die Stätte, wo deines Namens Ehre wohnt! Wenn ich voll Andacht sie betrete, wie reichlich werd' ich dann belohnt; ich kann mich deines Wortes freuen und in dir froh und selig sein!

2. Wohl dem, der kommt zu deiner Hütte und dich mit ganzer Seele preist! Du hörst sein Lob und seine Bitte und stärkst mit neuer Kraft den Geist, dass er auf deiner Wahrheit Bahn unsträflich vor dir wandeln kann.

3. Abschiedsrede gehalten von Pastor Ehrlich.

4. Die ganze Festversammlung geht, voran Schul = und Konfirmantenkinder, Vorstandsmitglieder der eingeladenen Gemeinden, Pastoren, Kirchenrat, Baukommission, Frauen und Jungfrauen, Männer und Jünglinge; unter Glockengeläute und Absingung des Liedes: "Ein feste Burg ist unser Gott" einmal um die neue Kirche.

In eigener Melodie

1. Ein feste Burg ist unser Gott, ein' gute Wehr und Waffen, er hilft uns frei aus aller Noth, die uns jetzt hat betroffen. Der alte böse Feind mit Ernste er's jetzt meint; gross' Macht und viele List sein' grausam' Rüstung ist; auf

Erd'n ist nicht sein's gleichen.

2. Mit unsrer Macht ist nichts gethan, wir sind gar bald verloren, es streit't für uns der rechte Mann, den Gott hat selbst er Koren. Fragst du, wer er ist? Er heisst Jesus Christ, der Herre Zebaoth, und ist Kein anderer Gott, das Feld muss er behalten.

2. Das Wort sie sollen lassen stahn und Kein'n Dank dazu haben. Er ist bei uns wohl auf dem Plan mit seinem Geist und Gaben. Nehmen sie uns den Leib, Gut, Ehre, Kind und Weib, lass fahren dahin, sie haben's kein'n Gewinn, das Reich Gott's muss uns bleiben.

5. Die Baukommission überreicht den Schlüssel dem Ortspastor.

6. Chorgesang

7. Der Ortspastor öffnet die Thüre; Einzug in die Kirche.

8. Gemeindegesang: "Lobe den Herrn den mächtigen".

In eigener Melodie

1. Lobe den Herrn, den mächtigen König der Ehren! Lob' ihn, o Seele, vereint mit den himmlischen Chören! Kommet zu Hauf! Psalter und Harfe wach' auf! Lasset den Lobgesang hören

2. Lobe den Herrn, der Alles so herrlich regieret, der, wie auf Flügeln des Adlers, dich sicher gewährt, was dich er freuet und nährt, dank' es ihm, innigst gerühret.

9. Weiherede, gehalten vom Ortspastor

10. Gemeindegesang: "Dir, dir, Jehovah, will ich".

In eigener Melodie

1. Dir, dir, Jehovah, will ich singen! denn wo ist doch ein solcher Gott, wie du? Dir will ich meine Lieder bringen, ach! gieb mir deines Geistes Kraft dazu, dass ich es thü im Namen Jesu Christ, so wie es dir durch ihn gefällig ist.

2. Zeuch, Vater, mich zu deinem Sohne, damit dein Sohn mich wieder zieh' zu dir. Dein Geist in meinem Herzen wohne und Sinnen und Verstand allein regier, dass ich des Himmels Frieden schmeck' und fühl' und dankbar dir im Herzen sing und spiel.

11. Liturgie, gehalten von Pastor Runte

12. Gemeindegesang: "Sei uns gesegnet, Tag des Herrn!"

Mel. Wie schön leuchtet uns ec.

1. Sei uns gesegnet, Tag des Herrn! zu Gottes Preise

nah und fern erwacht der Christen Menge.

Ihr Lobgesang tönt spät und früh; zum Heiligthume wallen sie
in festlichem Gedränge. Fröher schallen hier die Lieder, wo
die Brüder, anzubeten, und vereint vor Gott getreten.

2. Komm, Geist der Andacht und der Ruh! auch unsern Tem-
pel weihe du zu feierlicher Stille. Mach' unser Herz vom
Irrthum los; uns werd Gottes Name gross, sein Wille. Fromme
Liebe, Brudertreue mög' auf's neue uns beleben, Jesu Vorbild
nachzustreben.

13. Festrede, gehalten von Pastor Faulhaber

14. Chorgesang.

15. Schlussliturgie, gehalten von Pastor Kötter.

16. Gemeindegang: "Nun danket Alle Gott". in eigener
Melodie.

1. Nun danket alle Gott mit Herzen, Mund und Händen, der
grosse Dinge thut an uns und allen Enden; der uns von Mutter
leib' und Kindesbeinen an bis diesen Augenblick unzählig Guts
gethan.

2. Der ewigreiche Gott woll' uns bei unserm Leben ein
immer fröhlich Herz und edlen Frieden geben, und uns in sei-
ner Gnad' erhalten fort und fort und uns aus aller Noth erlö-
sen hier und dort.

SÁBADO, 19 DO CORRENTE

às 8 horas da noite

ESFETÁCULO em BENEFÍCIO DA

C R U Z + V E R M E L H A

No Palco da casa dos ATIRADORES

=====

P R O G R A M A

I. Parte.

A Tragédia do Escritor Sebastião Mahné com o título

O MARIDO ULTRAJADO

2. Parte.

Recitativo do "O R A N C H I N H O"

por um aluno das "Escolas Reunidas"

3, 4 e 5 Parte

O Drama, em 3 longos atos, denominado

O T E S T A M E N T O

Distribuição dos papéis

Salgado (Fazendeiro).	Edmund Moritz
Júlia (sua mulher).	Helena Demarchi
Terezinha (sua filha).	Elfrida Moritz
Firmino (seu filho).	Alexandre Gevaerd
Eulália (sobrinha de Salgado)	Aurora Araújo
Lourenço (criado de Eulália)	Arthur Gevaerd
Pedro (usurário, cunhado de Salgado).	Hermenegildo Teixeira

Diogo (estudante de direito). Luiz Gevaerd
Manoel (feitor da fazenda de
Salgado).Hermenegildo Teixeira
Comendador Ferreira.Adolfo Bauer
Tabelião Mattos.Augusto Moritz

6. Parte

A Comédia Intitulada

O MORTO EMBARGADO

Depois do Espetáculo: BAILE.

=====
Entrada: 1\$000
Crianças: \$500
=====

C L U B . G E R M A N I A

Domingo 22 de janeiro - às 8 horas
no Salão dos Atiradores

"NATAL"

Oratório com quadros vivos e cores por H. Müller

Entrada para todos

Preços: 1\$000 - crianças: 500 rs.

FESTPROGRAMM

anlässlich des Besuches des
Kreuzers "Karlsruhe" in Brusque,
Staat Santa Catharina, Brasilien,
vom 15 - 17. Dezember 1934

Im Namen der Bevölkerung Brusque entbieten wir den Gäs
ten des Kreuzers "Karlsruhe" ein

H E R Z L I C H W I L L K O M M E N !

Die Festleitung.

I. TAG.

Abholen der brasilianischen Fahne durch den Ti
ro de Guerra 317, am Kammergebaude.

Platzmusik bis zur Ankunft der Gäste

Empfang der Gäste am Hause des Herrn Alexander Gevaerd
durch den Tiro de Guerra 317, sämtliche Vereine und Bevöl
kerung Brusque.

Begrüßungsworte: Herr Dr. Erich Bückmann.

Gemeinsamer March zum Kammergebaude, dort Begrüßung -
durch die Ortsbehörde, Herrn Prefeito Victor Tietzmann.
Danach Übersetzung der Ansprache durch Herrn P. Ferdinand
Graetsch.

Abspielen der Nationalhymnen

QUARTIERVERTEILUNG

Marschmusik: Kapelle "Concórdia"

Abends 8 Uhr in der Turnhalle:

Begrüßungs - und Kommersabend

Ansprache: Herr P. Ferdinand Graetsch
Barrenriege des Turnvereins Brusque
Reckriege des Turnvereins Brusque
Gemeinsame Lieder (Siehe Einlage)

Kapelle: JAZZ-BAND "IDEAL"

2. TAG

3 Uhr nachmittags, Sportfest auf dem Sportplatz des Turnvereins

Leichtathletischer Vier-Kampf.

5 Uhr, Handballwettspiel der 1. Handballmannschaft des Turnvereins Brusque gegen eine Auswahlmannschaft des Kreuzers "Karlsruhe".

Kapelle: "C o n c ó r d i a".

8 Uhr abends Konzert der "Musikalischen Vereinigung Brusque". Mitwirkende: M.G.V. "Sängerbund Brusque" und Gemischter Chor der Ev. Kirche.

Musikalische Leitung: Günther Benkendoerfer.

VORTAGSFOLGE:

1. Kadettenmarsch - 1.P. Souza.
2. Hirtenchor a. d. Oper "Rosamunde" . Fr. Schubert.
(Gemischter Chor der Ev. Kirche)
3. Ouverture zur Oper "Rosamunde" Fr. Schubert
4. "Heimat und Vaterland" - Fr. Göpfart.
(M.G.V. "Sängerbund Brusque')
5. Lustspielouverture - Kellar Bela

Preisverteilung an die Sieger des Sportfestes.

- 6 a. Brasilianische Nationalhymne - Fr. Manoel de Silva.
- b. Die Deutschen Nationalhymnen.

ANSCHLIESSEND TANZ.

Ballmusik: JAZZ-BAND "AMÉRICA"

3. TAG

9 Uhr Vormittags Im Schützenhause:

Preisschiessen nur für Gäste
Preiskegeln und Boccia für jedermann

12 Uhr, Bankett.

Kapellen: Jazz-Band "AMÉRICA" und
Jazz-Band "IDEAL".

Danach gemeinsamer Ausmarsch.

Marschmusik: Kapelle "Concórdia"

"Anderungen vorbehalten.

=====

EIN FREIES LEBEN FÜHREN

1. Ein freies Leben führen wir, ein Leben voller Wonne!
Der Wald ist unser Nachtquartier, bei Sturm und Wind hantieren wir. |: Der Mond ist unsre Sonne: |

2. Heut' kehren wir bei Pfaffen ein; bei reichen Pächtern morgen; Da gibt's Dukaten, Bier und Wein, was drüber ist da lassen wir fein. |: Den lieben Hergott sorgen. : |

3. Und haben wir mit Traubensaft, die Gurgel ausgebadet: so machen wir voll Mut und Kraft, selbst mit dem Schwarzen Brüderschaft. |: Der in der Hölle brätet. : |

ICH KAM VOM FERN GEZOGEN

1. Ich Kam von Fern gezogen zum Rhein, zum Rhein. Beim Wirt zum Rolansbogen, da Kehrt' ich ein. Ich trank mit seiner

Base auf du und du, der Mensch mit roter Nase sah zu, sah zu.

2. Der alte Sünder zeigte auf voll, auf voll; mein junges Herz es zeigte auf Dur und Moll. Ich sah zwei Ringellöckchen, bommbomm, bommbomm, die läuteten wie Glückchen: Komm, Komm, Komm, Komm.

3. Und Augen heiss wie Köhlchen von Erz, von Erz. Es häpfte in dem Bülchen mein Herz, mein Herz. Die Elt, sie ridanzte, juppei, juppei. Der Rolandsbogen tanzte duldei, du dei.

4. Die Maid zu meiner Linken, goss ein, goss ein; mir war's, als tät sie winken: Bin dein, bin dei! Das war ein selig Kosen zu zwei'n, zu zwei'n. Es schwammen rote Rosen im Wein, im Wein.

5. Sie küsste mich und lachte, ich trank und trank; ein Niederstränglein Krachte, ich sank und sank. Und als die Mondsilhouette verschwand, verschwand, da lag die Maid im Bette - und ich im Sand.

6. Drum Kommst du, Knab', gezogen zum Rhein, zum Rhein, hüt' dich vorm Rolandsbogen und seinem Wein. Es lacht in jedem Glase, bommbomm, bommbomm, das Glückchenspiel der Base: Komm, Komm, - Komm, Komm.

NUN SINGT DEM NEUEN HEIMATLAND

1. Nun singt dem neuen Heimatland Brasilien zu Ehren, | wir wollen ihm mit Herz und Hand in Zukunft angehören : |

2. Du alte Heimat lebe wohl! Wir denken dein in Treue, | : und bringen uns'res Fleisses Zoll Brasilien dir, du neue: |

3. O möchte doch ein freundlich Band um beide stets - sich schlingen; | : dem alt'und neuen Vaterland ein Lebehoch wir bringen! : |

STOLZ WEHT DIE FLAGGE SCHWARZ-WEISS-ROT

1. Stolz weht die Flagge Schwarz-Weiss-Rot von uns'res, Schiffes Mast. Dem Feinde weh', der sie bedroht, der diese Farben hasst. Sie flattert an der Heimat Strand im Winde hin und her, und weit vom teuren Vaterland, auf sturmbewegtem Meer. | : Ihr woll'n wir treu ergeben sein, getreu bis in den Told, ja, ihr woll'n wir unser Leben weih'n, der Flagge Schwarz-Weiss-Rot: | Hurra.-

2. Allüberall, wo auf dem Meer empor ein Mast sich reckt, da steht die deutsche Flagge sehr in Achtung und Respekt Sie bietet auf dem Meere Schutz dem Reiche allezeit, jedwedem

tück'schen Feind zum Trutz, der Deutschlands Ehr' bedrät. |: Fürwahr, wo uns're Flagge weht, da hat es Keine Not, ja, hoch leb', die hoch in Ehren steht, die Flagge Schwarz-Weis-Rot.: | Hurra.-

3. Und wenn ein feindlich Schiff sich naht, so heisst's Klar zum Gefecht! Dann drängt es uns zur kühnen Tat, zum Kampf für Ehr und Recht. Und dringt ein feindliches Geschoss in eines Seemanns Herz, nicht klagt der wackere Kampfgenoss, ihm macht es Keinen Schmerz, |: "Hurra!" ruft er, was schadet's - mir? Ich sterb' den Heldentod für Deutschlands heiligstes Panieler, die Flagge Schwarz-Weiss-Rot.: |

4. Treibt auch die wilde Sturmgewalt uns an ein Falsenriff, gleichviel in welcherlei Gestalt Gefahr droht unserm / Schiff, wir wanken und wir weichen nicht, wir tun wie Seemanns Brauch, den Tod nicht scheuend unsre Pflicht, selbst bis zum letzten Hauch. |: Ja, mit den Wogen kämpft noch der sterbende Pilot, in seiner Rechten hält er hoch die Flagge - Schwarz-Weiss-Rot. : |

IM KRUG ZUM GRÜNEN KRANZE

1. Im Krug zum grünen Kranze, da kehrt' ich durstig ein da sass ein Wanderer |: drinnen: | am Tisch bei kühlem Wein.

2. Ein Glas ward eingegossen, das wurde nimmer leer; se in Haupt ruht auf dem |: Bündel: | als wär's ihm viel zu schwer.

3. Ich tat mich zu ihm setzen, ich sah ihm in's Gesicht das schien mir gar |: befreundet: | und dennoch kannt' ich's nicht.

4. Da sah auch mir ins Auge der fremde Wandersmann und füllte meinen |: Becher: | und sah mich wieder an.

5. Hei! was die Becher Klagen, wie brannte Hand in Hand: "es lebe die Liebste |: deine,: | Herzbruder, im Vaterland!

III - BRUSQUE - Fragmentos de sua história, dia a dia desde a fundação.

Ayres Gevaerd

1863.

7.1. Segundo documento dessa data, nenhum pastor evangélico visitou, até então, a Colônia. Por duas vezes o padre Alberto Gattone vigário da Freguezia de São Pedro Apostolo visitou se us congregados católicos em Brusque.

Janeiro. Bernardo Augusto Nascentes de Azambuja, ocupa o cargo de diretor da "3ª Diretoria das Terras públicas e da colonização."

8.2. Documento Nº 10. Na denúncia que o barão faz junto ao / presidente da Província com relação ao abandono de suas funções como agrimensor, Germano Thieme, cita sua ida a "salto - do Itajahy-Mirim" 3 dias de viagem rio acima, em busca frustrada de ouro, nas minas abandonadas há muitos anos pelos ho landezes".

18.2. O colono José Scharf ao saudar o Revdo. Padre Gattone / por ocasião de sua visita, com um tiro de espingarda carregada de chumbo, teve a mão esquerda gravemente ferida por ter estourado o cano da arma. O diretor Schnéeburg na falta de médico mandou Scharf até a barra do rio Itajahy esperando re ceber socorro aos cuidados da casa Sallenthien & Haendchen.

13.3. No lugar Aguas Claras, numa sortida de bugres (Schnéeburg julgou serem Botucudos) foram mortos a flexadas, os colonos alemães João Dittner e Pedro Gorke e o brasileiro Manoel Paranaguá. Todos foram sepultados na Vila do S.S. do Itajahy.

17.4. Fundada, pelo pastor Osvaldo Hesse, a Comunidade Evangélica de Brusque. Na oportunidade realizou-se o primeiro "Gottesdienst" no rancho dos imigrantes.

29.4. Schnéeburg registra em documento que, para estabelecer a sede da Colônia, lhe foi indicado pelo então delegado de Terras Públicas Major Alvim, um terreno fronteiro a Vicente - Sô, sito na margem direita por ser de facil agresso fluvial. Entretanto achou parte da planície do citado terreno (ver o

primeiro mapa da Colônia) ocupado pelo "intruso" colono Mathias Wagner, casado e já com benfeitorias. Conclue-se que Wagner foi um dos precursores na região, assim como Pedro J. Werner. Wagner é citado em muitos documentos firmados por Schnéeburg. Pôr várias vezes o diretor pediu dinheiro à administração Provincial com objetivo de indenisar Mathias Wagner: casa, engenho, plantações, etc.

Junho. Em idade escolar, registra Schnéeburg, existem na Colônia 118 menores entre 6 a 15 anos, só meninos. Na sede somente a escola do sexo feminino.

1.7. Franz Salenthien e sua mulher Joana vendem a Pedro José Werner, conforme escritura, uma área de terras com 750 braças de frente com 3.000 de fundos, sita em "Vicente Sô" frentes com o rio Itajahy Mirim e fundos com terras devolutas; ao norte com terras de João Tember e ao Sul com Max e Jorge Fürbringer.

7.7. Francisco Weitgenant, Frederico Nitzel e Carlos Boos, - primeiros professores expontaneos e particulares na Colônia. Weitgenandt ensinava em Petersstrasse e Bateias; Nitzel em Guabiruba Norte e Boos também na região de Guabiruba. Nessa - data Schnéeburg pede ao presidente da Província gratificação aos professores.

2.8. Schnéeburg e a professora Augusta v. Knorring servem de padrinhos a Maximiliano A. Oscar, filho de Ernst Ludwig Oscar Eugen Rieger e de sua mulher Joana Dorotéa, nascida Friedrich Batisado realizado na Casa de Orações da Comunidade Evangélica.

1.9. Pelo navio hamburguês "Urania" chegam ao porto de Itajahy 5 famílias num total de 23 pessoas. Dois dias depois chegaram a Brusque cujo transporte custou 92\$145 pago à firma Salenthien & Haendchen.

Outubro. Chegam à Colônia os primeiros colonos de origem portuguesa em número de 10, correspondente a duas famílias.

13.11. Em um requerimento firmado por Anton Dinkelborg consta: "por ser dia de pagamento no centro da Colônia cidade Schnéeburg, na Colônia Brusque."

Nota - É a única citação conhecida de "Cidade

Schnéeburg" em todos os documentos coloniais.

- Recebe a Colônia a visita do presidente da Província Pedro Leitão da Cunha. Na ocasião, entre outras providencias, escolheu o local para a construção da Igreja Católica.

14.12. Chega à sede da Colônia, vindo de Blumenau, o Dr. Kno - blavch para a titulo de emergência, executar as funções de médico, por ordem do presidente da Província. Dias mais tarde 19, chegava outro médico, desta vez nomeado pelo Governo Imperial, Dr. Linger.

Do relatório do diretor, correspondente a 1863:

Habitantes	955
Nascimentos	59
Obitos	13

Anotações do padre A. Gattone no Livro de óbitos em 1862/3.

Causa Mortis:

Cahio no rio
Morreo afogado no rio, não se sabe mais dele.
Doente do peito
Por mordedura de cobra
Cahio da canôa e morreo n'água
Incerta
Parto difficil
Tísica
Morreo em consequencia de uma caída no fogo da cosinha.
Matado de uma árvore caindo.
Tosse

Relatório de 1863 sobre a Colônia, folha 4v.:
"...a caixa formada por contribuições espontaneas, mensaes, a lem do Tronco de Beneficencia".

=====
1864.

Textos de documentos firmados pelo diretor Schnéeburg :
"é homem abastado e de bons costumes". "Pai de família sem nódoas", "é homem bem arranjado e de dons costumes."

22.4. Atesta o Diretor Hermann Blumenau que o Pastor Cswaldo' Hesse exerce funções na Colônia Itajahy-Mirim desde o ano pasado.

22.4. Alexandre Rodrigues da Silva Chaves, vice presidente em exercicio da Província de Santa Catarina, cria escolas primárias do sexo masculino na Colônia Brusque, Vilas de São Miguel e Biguasú.

12.5. Pelo documento dessa data assinado, pelo diretor Schnéeburg, é estabelecido o preço de dois (2) reais a braça quadrada de terras, na futura Freguesia e cidade, ou seja, na actual Sede da Colonia. O documento foi encaminhado ao presidente da Província.

21.5. Os colonos Pedro José Werner e Pedro Jacob Heil, pedem a administração da Colonia, permissão para construir, com recursos próprios e de outros fieis, uma igreja na Sede, em substituição à capela existente, sob a invocação de Nossa Senhora do Socorro, "por ser a padroeira escolhida da colonia". Encaminhando o pedido ao presidente da Província, Schnéeburg sugere a construção, por razões que explica, no fim da rua Principal, em uma colina ainda com mato". Entretanto, segundo outro documento de 21 de Maio e com resultado da reunião dos colonos citados e outros é resolvida a construção no lugar demarcado pelo então presidente da Província Pedro Leitão da Cunha, "por suas próprias mãos para futura igreja do Governo". O local fica no alto de uma pequena colina na sede da Colonia, dominando grande parte do territorio e que se acha ao lado de outra, destinada, com aprovação do mesmo presidente, para aí ser edificada a casa da diretoria.

1.6. Schnéeburg reclama seu ordenado atrasado 5 mezes. Recebia o diretor da Colônia 200\$000 por mez.

13.7. Pelas 10 horas da noite até ao amanhecer, foi avistado nos céus da Colonia um cometa com longa e larga cauda. Sua presença que durou algumas semanas causou apreensão aos colonos que acreditavam em prenúncio de desgraça proxima. Efetivamente, durante todo tempo da presença do cometa choveu quasi-constantemente culminando com a segunda grande enchente do ano.

15.7. Nomeado Henrique Sandrevsky primeiro pastor da Igreja Evangélica de BRusque, com residencia fixa na Colonia. Nasceu

o Pastor Sandrevsky em Hermópolis, ilha grega, no dia 22.9. 1837.

Com a criação da primeira escola do sexo masculino é no meado seu professor, Maximiliano von Borrovsky com ordenado mensal de 50\$000.

15.7. Respondendo ao ofício de 25/6 do coronel José Bonifacio Caldeira d'Andrade, delegado da Repartição especial de terras públicas e colonização de Santa Catarina, informa Schnéeburg, que "João Lenschov veio duas ou tres vezes a esta Colônia em qualidade de músico viajante para tocar em ocasião de danças, e que sua conduta era regular."

O padre Alberto Gattone, o colono viuvo Klein e a família João Kormann fundam capela em Guabiruba devotada à Maria Hilfe Nossa Senhora Auxiliadora, abençoada em 15.8.1866.

7.9. Registra-se a segunda enchente de grandes proporções do rio Itajahy-Mirim. Foi maior do que a de 1862 e também maiores os prejuízos materiais.

15.10 O transporte de 26 colonos, incluindo bagagem da Barra do Itajahy até a sede da Colonia, em duas lanchas, custou à administração 100\$000, importancia paga a João Schwartz e Pedro Beltramino.

15.10. Solicita o diretor Schnéeburg ao presidente da Província a autorização para efetuar o pagamento de 70\$000 a Pedro José Werner, por um boi, cuja carne foi distribuida aos colonos / por falta de carne seca.

15.10. Desde 15 de Julho o diretor alugou para o pastor Henrique Sandrevsky, por 16\$000 mensais, uma casa que serviria também para escola e moradia do professor da escola do sexo masculino. Alugou também a residencia do mencionado médico para nele ser instalada a botica e o consultorio.

2.12. 182 colonos assinam um requerimento dirigido a S.M. Dom' Pedro II solicitando, depois de expor a situação da Colonia e deles proprios a abertura da estrada para a Vila de Itajahy. A comunicação, entre a Colônia e a Vila só é possível - via fluvial pois a picada, provinda de antigos caminhos de arrastar troncos de árvores é quasi impraticavel, impossivel, em tempo chuvoso. A construção seria feita pelos proprios

signatários que viam nela um meio de negociar pessoalmente, os seus produtos com os negociantes da Vila.

Nota - O documento seguiu com um officio do proprio diretor reforçando o pedido. Pelo lacônico despacho do presidente da Província "Falta selo" o documento deve ter voltado à Colonia.

Notas Gerais: 1864

População: 1121 pessoas

Exportação: elevou-se a 480 arrobas de folhas de tabaco, 135 mil charutos e 800 dúzias de taboado. O fumo desde os primeiros dias da Colonia, foi a principal fonte econômica da Colonia.

Católicos 811

Acatólicos 310

Homens 619

Mulheres 502

Canôas 6

Lanchas 3

Negocios (Vendas) 5

Hospedarias 3

Importação: 1864

800 arrobas de carne seca

1050 sacas de farinha de mandioca

194 barricas de trigo

54 idem de açúcar

192 arrobas de café

180 sacas de arroz

11 sacas de arroz socado

8:000\$000 de tecidos

48 barricas a 48 garrafas de cerveja inglesa

46 barris de aguardente a 36 medidas

Outros: sal, sabão, ferragens, miudesas, etc.

Produtos da lavoura e outros em toda Colônia:

734 arrobas de tabaco

955 idem de açúcar

4522 medidas de aguardente

407700 pés de mandioca e aipim

7070 alqueires de milho

588 idem de feijão
3976 tuberculos
5 alqueires de trigo
465 pés de algodão
5188 péa de café
573 alqueires de arroz

x

4 engenhos de fubá movidos à água
2 idem à mão
11 engenhos de cana movidos por animais
6 engenhos de mandioca movidos por animais
3 idem movidos à mão

Administração Colonial:

M. de Schnéeburg - Diretor
Frederico Herren - Agrimensor
Henrique Betermann - Escriurário
Dr. Rufener - Médico
Padre Alberto Gattone - Padre visitante
Pastor Henrique Sandrevsky - residente
Augusta v. Knorring - Professora pública
Maximiliano von Barrovsky - Professor público

Ampos dados estatísticos no Mapa assinado por Schnéeburg mostram:

Situação
Fundação
Sistema
Empregados
Area da Colonia
População
Lavoura
Gado
Estabelecimentos rurais
Ofícios
Fábricas
Casas de negocio
Tabernas
Carroças
Lanchas
Propriedades do Governo
Habitantes (Nações)

Exportações
Importações
Vias de comunicação

Subsídios biográficos do Barão Maximiliano de Schnée - burg: Em Petrópolis foi vice diretor do Colégio Calogeras e membro destacada da Sociedade de Agricultura e Industria de Petrópolis, fundado em 1853, e que mantinha escola noturna no qual se lecionava portugêes, francez, alemão, algebra, etc.

Sócio do "Schlützen Verein-Brusque" conforme Livro de Atas nº 1.

Número 38

Ano X

Tiragem: 450 exemplares

Apoio integral de:

IRMÃOS *Fischer* S. A.
Indústria e Comércio

Irmãos *Fischer* S.A. - Ind. e Com.

Rua Gregório Diegoli, 35

Fone: (0473) 55-1544 — Telex: 0473 519

88350 - BRUSQUE — STA. CATARINA

- Máquinas e equipamentos para industrialização de pescado.
- Máquinas e equipamentos para industrialização de bovinos e suínos.
- Abatedouros de aves.
- Fornos elétricos para uso doméstico.
- Carrinhos de ferro para construção civil.
- Tecedeiras de folhas de fumo.